



CONGRESSO DE MARKETING AEC-SP
SÃO PAULO -SP
NOVOS EMPREENDEDORES, NOVOS NEGÓCIOS, NOVOS DESAFIOS.
MUDANÇAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

22/09/2001

ROBSON MEDEIROS ALVES, *osb (Pe)*

Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP; diretor espiritual do colégio São João Gualberto.

"Perspectivas de Henri Bergson para uma Filosofia da Educação"

O pensamento de Henri Bergson expressa uma grande vitalidade, sobretudo naquilo que diz respeito ao envolvimento da realidade existencial com questões fundamentais da vida cotidiana. Devido a isso seu pensamento abrange uma unidade reflexiva capaz de fazer convergir para a pessoa humana um ponto comum entre a teoria e a prática. Assim, esse filósofo não só apresentou respostas para um momento específico da história humana na França do século XX, mas também continua apresentando respostas para a nossa história, como um processo de continuidade existencial.

Ao falar no seu tempo cronológico, através de sua experiência existencial, nosso filósofo fala para a vida, através de seu pensamento, que assim o insere na participação da eternidade. Sua memória efetivará essa realidade, tal como a memória de toda pessoa abre o mesmo canal de comunicação com a vida. Com isso inferimos a importância e a vitalidade do pensamento, a tal ponto de compreendermos que o exercício do ato de pensar é a mais profunda perspectiva que podemos esperar da educação, uma vez que exercitar o pensamento significa exercitar a criatividade, e não entender a educação como mero processo intelectual, pragmático.

A educação como um processo contínuo, no qual o conhecimento é apenas um componente, se constrói pela cooperação de uma grande quantidade de elementos e situações. Assim, não podemos interpretar a educação por meio de categorias de um tempo cronológico, mas devemos compreendê-la como um constante e ininterrupto fluir de algo que é profundo, e que a filosofia identifica como o ser, como o próprio espírito humano.

Como realidade total para a vida, a educação não pode ser medida, como se sua eficiência resultasse apenas no emprego de expressões quantitativas e metodológicas. Os métodos são apenas recursos auxiliares, que se sucedem no âmbito da técnica, daí terem durabilidade limitada, e é por isso que não podemos entender a educação como uma efetivação quantitativa, mas sim qualitativa, daí ser uma atividade profundamente espiritual.

Todavia, dentro de uma categoria de pensamento, ditada por uma agressiva interferência de uma obrigatoriedade de eficiência técnica, percebemos que a educação tem sido interpretada como mera reprodutora de conhecimento, tem sido pragmatizada, e enquadrada dentro de um ritual cíclico. Decorre disso que a totalidade da pessoa humana deixa de ser o sentido e a razão da educação. Fato esse que tem excluído da educação um papel de sacralização da pessoa humana e da vida, para remetê-la a uma função estática, "litúrgico-paliativa".

Henri Bergson e a educação, em essência, não admitem compreender a pessoa humana como mero fato momentâneo, no qual o papel da relação profunda do ser com a vida, sejam identificadas como casualidade. Essa relação deve ser realidade maior de um continuar histórico, de comprometimento com a existência, recuperando da história humana a possibilidade de ser história divinizada.

Enfim, abstraindo do pensamento de Henri Bergson, elementos capazes de orientar nossas perspectivas para uma filosofia da educação, podemos nos servir dos elementos centrais do seu pensamento, a saber: o movimento, a transformação, a criatividade, o eterno a o dinâmico.